

## CRITÉRIOS DE DEFINIÇÃO DO SUBSTANTIVO

Lindinalva Gonçalves de Souza

Leandro Zanetti Lara (Orientador)

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo analisar os exercícios referentes às classes de palavras propostos nos livros didáticos e discutir a pertinência dos critérios apresentados. Para classificar as palavras é importante levar em conta o comportamento morfológico, a função sintática e a significação. A pesquisa é de cunho bibliográfico e analisou os critérios usados para classificar o substantivo presentes em livros didáticos.

**Palavras chave:** classes; critérios; substantivos.

### 1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre os conteúdos dos livros didáticos na disciplina de língua portuguesa não é recente. Há um bom tempo muitos profissionais da educação levantam importantes questionamentos sobre a melhor forma de se trabalhar as classes de palavras e como isso pode ser feito com a ajuda dos livros didáticos. Tendo em vista a preocupação de professores que lecionam e que às vezes utilizam o livro didático, este artigo tem por objetivo analisar os critérios relacionados às classes de palavras, mais precisamente, a categoria dos substantivos. Nessa pesquisa analisei as definições de substantivo propostas por quatro autores de livros didáticos do segundo ano do Ensino Médio. O objetivo específico deste artigo é observar se as definições apresentadas pelos autores correspondem ao conteúdo pressuposto nos livros. Mas afinal, por que estudar as classes de palavras? Qual a relevância desses estudos? Segundo Basílio (2013), “as classes de palavras são de importância crucial na descrição de uma língua porque expressam propriedades gerais das palavras”. Precisamos das classes de palavras para descrever os mecanismos gramaticais como concordância de gênero e número, por exemplo, e para isso, precisamos de definições que esclareçam o uso do substantivo no âmbito morfológico, sintático e semântico. Nossa intenção neste trabalho não é criticar ou apontar “erros” dos autores em seus conceitos, mas discutir as incoerências que aparecem com certa frequência entre definições e exercícios em determinados livros didáticos e que podem causar equívocos no entendimento da categoria dos substantivos.

Para a investigação de aspectos dos problemas descritos acima, usaremos como referencial teórico os estudos de Rosa (2013) e Basilio (2013), sobretudo no que tange aos conceitos,

desenvolvidos pelas autoras. Também farão parte de nossos pressupostos Perini (1985) e Cunha e Cintra (2007).

## PRESUPOSTOS TEORICOS

Conhecer uma língua é ser capaz de compreender satisfatoriamente aquilo que ouvimos, lemos e falamos. Essa compreensão vai sendo adquirida ao longo de nossa vida, através do nosso desenvolvimento mental e social, precisamos conhecer as coisas que nos cercam: pessoas, lugares, etc. para que a língua seja colocada em prática e possamos nos expressar. Assim, a língua, segundo Basilio (2013, p.7), “é ao mesmo tempo um sistema de classificação e um sistema de comunicação”. Para que a língua tenha uma organização, um elemento fundamental é o léxico. Segundo a autora, “o léxico é tradicionalmente definido como o conjunto de palavras de uma língua, é ele um componente importante pela organização linguística do ponto de vista semântico e gramatical e também textual e estilístico”, ou seja, “uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados” (Basilio, 2013, p.7). É importante salientarmos que o léxico é constituído de formas e de significados e, nesse sentido, as estruturas morfológicas têm um papel fundamental para a expansão do léxico, e também para compreendermos os critérios das classes de palavras.

### 2.1 O que podemos entender por morfologia?

Segundo Rosa (2013), “Morfologia significa, com base nos seus elementos de origem, o estudo da forma”. A autora destaca que o termo *forma* pode ser amplo como sinônimo de plano da expressão, em oposição a plano do conteúdo, ou seja, a manifestação do conteúdo *versus* o significado do texto.

Nesse caso, a forma compreende dois níveis de realização: os sons, destituídos de significados que se combinam e formam unidades com significado; e as palavras, as quais, por sua vez, têm regras próprias de combinação para a composição de unidades maiores. Mas a palavra não precisa ser interpretada, necessariamente, a unidade fundamental para representar a correlação entre o plano da expressão e do conteúdo. Podemos atribuir esse papel ao *morfema*”. (ROSA, 2013, p. 15).

Conforme Rosa (2013), a palavra e o morfema são duas unidades distintas possíveis para os estudos morfológicos. Mas o que podemos definir por palavra? Basilio (2013) nos deixa claro que há vários ângulos para focar essa pergunta. “Graficamente podemos definir palavra como a sequência de caracteres que aparece entre espaços e/ou pontuação e que corresponde a

uma sequência de sons que formam uma palavra na língua”. (p. 13). Pode-se dizer também que as palavras são aquelas que aparecem listadas nos dicionários.

### 2.1.2 A palavra estrutural

Ainda com as considerações de Basilio (2013, p. 14), temos a discussão da palavra estrutural:

“... do ponto de vista da morfologia, a palavra é uma construção que se estrutura de uma maneira específica: seus elementos componentes, ou formativos, apresentam ordem fixa e são rigidamente ligados uns aos outros, não permitindo qualquer mudança de posição ou interferência de outros elementos.

Para exemplificar, os dados em (3) são considerados palavras já os de (4), não.

(3) guarda-chuva, encaixado, narração

(4) \*guarda-muita-chuva, \*encaixonado, \*çãonarra.(inserir notas de fim)p.14

A flexão de uma mesma palavra pode apresentar diferentes formas como segue os exemplos abaixo:

(5) pegou – pego – pegariam – pegará.

Nos exemplos acima, Basilio apresenta quatro formas do verbo pegar. Qualquer uma dessas palavras seria considerada como uma palavra distinta se tomássemos como base um enunciado, assim a autora dá os seguintes exemplos:

(6) a. João pegou o embrulho.

b. Eu pego o embrulho.

c. Eles pegariam o embrulho.

d. João pegará o embrulho.

Nos exemplos em (6) percebemos que cada frase representa uma das formas do verbo pegar em (5). “Vemos, assim, que um dos enfoques que temos para palavra é o de “unidades de que se compõe o enunciado”. O outro enfoque é o que considera a palavra “como uma unidade estrutural que congrega diversas formas”. BASILIO (2013, p. 15).

Podemos classificar a palavra também como uma unidade de significação. Geralmente as palavras agregam mais de um significado e quando esses significados são relacionados são chamados de *polissemia*. Quando os significados não são relacionados, na maioria das vezes,

considera-se que se trata de palavras distintas apesar de terem a mesma forma fonológica, são denominadas então como *homonímia*. Nos casos de *homonímia/polissemia*, conforme Basilio há dificuldade no entendimento. A autora exemplifica essa dificuldade com a palavra modelo:

Vejamos agora o caso de modelo como “coisa ou pessoa em cuja reprodução estética o artista trabalha” ou como “coisa ou pessoa que serve de imagem, forma ou padrão a ser imitado”. Observem que, no caso das artes plásticas, a palavra determina concordância no masculino ou no feminino, conforme se refira a homem ou mulher: o modelo/ a modelo; já na outra opção o gênero é único. A diferença de comportamento em gênero nos levaria a considerar *modelo* nos dois casos como constituindo uma situação de homonímia. No entanto, a relação de significado sugere a situação de polissemia. Esse caso ilustra, portanto, a dificuldade de decisões definitivas nessa área. (BASILIO, 2013, P. 15)

Como percebemos através do exemplo de Basilio, a questão homonímia/polissemia ainda é alvo de grandes discussões e contribui para a problematização do conceito de palavra. Para encerrarmos essa breve análise dos critérios sobre palavra, tomamos agora o que diz Basilio fundamentada no lingüista Bloomfield em relação à palavra como forma livre mínima.

“Forma livre é aquela que pode por si só constituir um enunciado, ao contrário da forma presa, ou afixo, que só pode ocorrer em conjunto com outra, da qual depende. Mas a frase também pode ser uma forma livre. A palavra é, então, a forma livre mínima, isto é, a forma livre que não pode ser subdividida em formas livres, embora possa conter uma forma livre. (BASILIO, p. 17)

Diferentemente de Bloomfield, Mattoso Câmara Jr. acrescentou a definição de forma livre mínima para a noção de forma dependente “aquela que depende de outra para ocorrer, mas não está concretamente soldada à forma da qual depende.

De acordo com esse conceito, preposições e conjunções, assim como artigos e pronomes clíticos, seriam formas dependentes. Assim podemos considerar preposições, conjunções e artigos como palavras, redefinindo a palavra como forma não presa mínima, o que abarca tanto formas livres quanto formas dependentes. (BASILIO, 2013, p. 17).

Nesta sessão mostramos uma pequena parte dos critérios de palavra, elemento que constitui o léxico e de como esse conceito apresenta problemas para firmar-se como absoluto em uma ou outra caracterização. Em seguida discutiremos o conceito de outro elemento que constitui o léxico de nossa língua: o morfema.

### 2.1.3 O morfema

Conforme Rosa (2013), baseada nas considerações de Bloomfield, (1926:27, p.49). O morfema é “uma forma recorrente (com significado) que não pode ser analisada em formas recorrentes (significativas) menores”.

“cada morfema é um átomo de som e significado – isto é, um signo mínimo. Segundo tal perspectiva, a morfologia, a morfologia é o estudo desses átomos (a alomorfia) e das combinações em que podem ocorrer (a morfofática) – i.e., a **morfologia** é o estudo dos *morfemas e de seus arranjos*.” (ROSA, 2013, p. 50).

Para Cunha e Cintra (2007, p. 90), “os morfemas podem apresentar variação, por vezes acentuada, em suas realizações fonéticas. É o caso do morfema plural do português, cuja pronúncia está sempre condicionada à natureza do som seguinte”. Os autores destacam em sua gramática os seguintes exemplos para destacar as diferenças fonéticas para o –s plural de casas:

**Casas amarelas** → realiza-se como [z], ao ligar-se à vogal inicial da palavra *amarelas*;

**Casas bonitas** → realiza-se como [ʒ], antes da palavra *bonitas*, iniciada por consoante sonora;

**Casas pequenas** → realiza-se como [ʃ], antes da palavra *pequenas*, iniciada por consoante surda.

Conforme Cunha e Cintra (2007), damos o nome a essas manifestações fonéticas diferentes de um único morfema de variante de morfema ou alomorfe.

#### 2.1.4 Tipos de morfemas

Ainda seguindo as considerações de Cunha e Cintra (2007) entendemos que os *morfemas livres* são aqueles que podem ter seu significado sozinho como vocábulo, já os *morfemas presos* não possuem autonomia vocabular, precisando sempre fazer parte de outro morfema para expressar sua significação. Assim, segundo os autores pegaremos como exemplo a palavra ruas:

-rua- forma por si só um vocábulo.

-s não tem existência autônoma.

Os morfemas são também classificados quanto à sua significação, assim, eles classificam-se em *lexicais e gramaticais*.

Os morfemas lexicais têm significação externa, porque fazem referência a fatos do mundo extralinguístico, aos símbolos básicos de tudo o que os falantes distinguem na realidade objetiva ou subjetiva. Já a significação dos morfemas gramaticais é interna, pois deriva das relações e categorias levadas em conta pela língua. (Cunha e Cintra, 2007, p. 90-91).

Duas observações são destacadas na gramática de Cunha e Cintra, a primeira é que os morfemas lexicais também são chamados de lexemas ou semantemas. E a segunda é que segundo os autores, “não se deve confundir o conceito de significação linguística interna, aplicável aos morfemas gramaticais, com a idéia de morfema vazio, desprovido de conteúdo, infelizmente muito vulgarizada.” (Cunha e Cintra, 2007, p. 91).

(falar mais sobre os morfemas)

### 2.1.5 Classes de palavras

Cunha e Cintra (2007) esclarecem que depois de conhecida a distinção entre morfema lexical e morfema gramatical, pode-se relacionar cada um deles com as classes de palavras. O que podemos entender por classes de palavras? Há muitos anos as palavras são estudadas e divididas em classes. Esses estudos vêm desde a antiguidade, Platão e Aristóteles já se preocupavam com essa questão. Aristóteles, em seus estudos, define duas classes: o *nome* e o *verbo*. “ambos são portadores de significado, mas seus componentes não têm significado. (ROSA, 2013, p. 95). Reconhece também a conjunção e o artigo como elementos essenciais da elocução. Varrão (116-27 a. C) retoma as duas partes de Aristóteles e as reelabora em termos estritamente gramaticais divididas em sistemas de quatro elementos ou palavras variáveis, que são definidas com relação às categorias Caso e Tempo, são elas: o nome (tem caso, mas não tempo); o verbo (tem tempo, mas não caso); o particípio (tem caso e tempo); e o advérbio (sem caso nem tempo).

Os estoicos (Ca. Século II a.C) reconheceram cinco classes: o verbo, a conjunção, o artigo e subdividiram os nomes em próprios e comuns. Com o passar do tempo, várias outras possibilidades foram propostas para definir as classes de palavras, mas a distinção universal entre classes de palavras, talvez seja aquela ente o verbo e o nome que representam respectivamente, o argumento e o predicado mais simples. O nome designa as entidades, ou seres e atualmente chamamos de substantivos, que se constituem numa classe independente dos adjetivos, e o verbo indica as ações executadas ou sofridas pelos seres. “Assim, por exemplo, para Platão, os nomes opunham-se aos verbos” (ROSA, 2013, p. 97). Basílio define as classes de palavras como conjuntos abertos de palavras, definidos a partir de propriedades ou funções semânticas e gramaticais:

as palavras podem ser classificadas de várias maneiras; mesmo na gramática há várias classificações. Por exemplo, classificamos palavras quanto à acentuação em átonas ou tônicas, e as tônicas em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Mas, o

que se convencionou chamar de classes de palavras ou categorias lexicais corresponde a uma classificação específica, a partir de critérios semânticos ou gramaticais. (BASILIO, 2013, p. 21).

De modo geral, as classes de palavras do esquema tradicional foram mantidas na atualidade: O adjetivo foi separado do nome, manteve-se o verbo (incluindo o particípio) e, por vezes, o advérbio. Contudo, deve-se notar que a classificação das palavras deixou de basear-se apenas em critérios semânticos e passou a ter também critérios distribucionais, funcionais e sua categorização. Essa diferença talvez esteja refletida na nomenclatura, o uso da expressão classe de palavra ao invés de *parte do discurso*, assinala a ruptura com as noções que norteavam os estudos tradicionais. Rosa esclarece que a mudança de nomenclatura não significa que não se reconheça que a maioria dos nomes de pessoas, coisas e lugares, por exemplo, ocorra na classe dos nomes; o que se percebe é que deixa de ser um problema o fato de considerarmos nome algo que não se encaixe bem nessa definição, como por exemplo, a palavra *honestidade* (é nome de uma coisa?) ou a palavra *azul* (não é nome de uma cor?), assim as discussões sobre esses casos deixam de ser consideradas em virtude de sua flexibilidade sintática.

#### 2.1.6 Critérios de classificação

Como vimos, ainda são muito discutidos os critérios que classificam as palavras. Como devemos classificá-las? Vale apenas um critério? Ou um conjunto deles? Conforme Basilio (2013), os estruturalistas usam o critério sintático para definir classes de palavras. Como exemplo, Basilio nos apresenta a definição dos substantivos que são definidos por suas propriedades distribucionais, ou seja, eles aparecem como núcleo do sintagma nominal, como o núcleo do sujeito, do objeto direto e indireto e também como agente da passiva; ou ocorrência com artigo, possessivo, numeral, etc. Basilio destaca, que para os estruturalistas, outra propriedade do substantivo, como designar os seres e a concordância de gênero e número, não seriam critérios de classificação. Os estruturalistas também apresentam uma classificação apenas morfológica de classe de palavras, nessa proposta os substantivos se caracterizam pela flexão de gênero e número. Os critérios semânticos são quase exclusivamente usados pelas gramáticas escolares para definirem as classes de palavras, nesse caso, a definição de substantivo aparece apenas como palavra que designa seres. Conforme Basilio, 2013, p. 22, os estruturalistas costumam usar um único critério para as classes por uma questão de economia “se a descrição pode ser feita por um único critério, qualquer outro critério é redundante e deve, portanto, ser evitado”. Já nas gramáticas escolares, o predomínio

do critério semântico está ligado à herança da gramática tradicional. Mas afinal como encontrarmos uma resposta definitiva para os questionamentos citados por Basilio?

Essas questões nos fazem refletir que, para uma definição adequada das classes de palavras precisamos nos valer simultaneamente dos critérios morfológicos, sintáticos e semânticos, assim consideramos as palavras da autora:

Por exemplo, a definição semântica do substantivo nos diz como os substantivos se comportam na construção dos enunciados? Não. Ora, como a posição de ocorrência das palavras na construção dos enunciados é parte essencial da descrição gramatical, uma classificação de palavras que não inclua esse ponto será forçosamente insuficiente. Assim, a menos que se possa deduzir o comportamento dos substantivos a partir de sua função semântica, a definição por critérios semânticos não será adequada à descrição gramatical. (BASILIO, 2013, p. 22).

Dessa forma os três critérios se fazem necessários para a análise das classes de palavras porque uma classe de palavra é a soma dessas três propriedades: primeiro um modo de significar, que corresponde à natureza semântica. Segundo, um conjunto de características formais que dizem respeito ao seu perfil morfossintático e por último, uma posição estrutural no interior da oração, ou seja, referente ao seu contexto sintagmático.

### 3. Análise

Como os livros didáticos abordam essa questão? Quais critérios de avaliação os autores utilizam? No capítulo que segue, iremos analisar alguns exercícios dos seguintes livros didáticos:

Livros analisados

<b>Livros</b>	<b>Autor (ES)</b>	<b>Ano da edição</b>	<b>Editora</b>
Português volume 2	José de Nicola	2008	Scipione
Língua portuguesa 2	Roberta Hernandez; Vilma Lia Martin.	2010	Positivo
Ser Protagonista	Ricardo Gonçalves Barreto	2010	SM edições

Para melhor identificarmos os livros analisados, eles serão apresentados como livro A, B e C.

**Livro A: Português volume 2 Ensino Médio, 2008 – José de Nicola (editora Scipione)**

“Substantivo é a palavra que usamos para nomear seres animados, objetos materiais, ações, sentimentos, qualidades e idéias. Funciona como elemento nuclear do sintagma nominal e é subordinante, ou seja, na hierarquia das palavras, subordina os tempos que o acompanham. Como palavra variável, apresenta flexão de gênero, número e grau”. (NICOLA, 2008, p. 24)

Os substantivos são apresentados no capítulo 2 da página 23 do livro de José de Nicola. A primeira atividade do livro apresenta um pequeno texto sobre o dia quatro de novembro, dia do inventor. As atividades são propostas para retomar o conteúdo estudado anteriormente, no caso, o conceito de substantivo, nos seus aspectos semânticos e morfológicos, bem como as categorias gramaticais do substantivo (gênero, número e grau).

Nos exercícios, nota-se que nenhuma questão dá ênfase à interpretação do texto em si, mas somente para à parte gramatical. O primeiro exercício destaca dois substantivos do texto: *imaginação* e *criatividade*, em seguida é pedido que esses substantivos sejam classificados conforme seu conteúdo semântico e a resposta deverá basear-se nos aspectos morfológicos. Na questão dois da atividade proposta, é pedido ao aluno que diga se a palavra *brasileiro* pode ser substantivo ou adjetivo, sendo que o aluno deve se focar no contexto onde a palavra está inserida. O que chama a atenção nessa questão é que o aluno não teve um conhecimento prévio no livro didático para poder identificar uma palavra como sendo um substantivo ou um adjetivo. Outra proposta de exercício contida na mesma atividade sugere que o aluno comente a classificação de alguns substantivos retirados do texto observando a formação e o conteúdo semântico. Nesta primeira atividade, percebe-se que o autor alterna os exercícios entre os aspectos semânticos e morfológicos, porém não há um claro objetivo em relação a cada proposta de trabalho, todos eles tratam a terminologia gramatical isoladamente do texto.

Antes da segunda atividade, o autor apresenta as funções substantivas. A explicação é clara e de fácil entendimento, porém a atividade apresenta apenas um item relacionado à sintaxe. Nota-se, portanto que os exercícios são predominantemente de natureza semântica e morfológica.

Na perspectiva lingüística de cunho funcional, a função das expressões nominais não se limita a seu papel na sentença, indo além, na medida em que apresentam também função textual, de coesão e referência textuais. Neste aspecto o autor do livro didático analisado apresenta, na página 36, uma boa explicação sobre o emprego dos substantivos concretos e

abstratos, ele destaca que o uso correto desses substantivos facilita a localização do leitor ao mundo a que o texto se refere, no entanto encontramos apenas um exercício relacionado a essa observação e que não explora a toda a complexidade semântica do assunto.

Na página seguinte, Nicola apresenta um pequeno texto e, a partir dele, comenta como os substantivos podem facilitar a coesão de um texto junto com os processos metonímicos. Segundo o autor:

“O substantivo, como já comentamos, designa, nomeia, isto é, o emprego de um substantivo implica a associação com um conceito que faz referência [...] Essas designações, alternativas lexicais, podem beneficiar um texto: permitem a coesão lexical interna sem perder o estilo, pois evitam redundâncias. (NICOLA, p. 38).

Em resumo, os exercícios apresentados no livro didático não correspondem pontualmente o conteúdo previamente desenvolvido no texto-base e também são na maioria das vezes omissos no que diz respeito ao critério sintático. Alguns exemplos são mencionados durante a explicação do autor, mas não são efetivamente colocados em prática nesses exercícios. Apesar de o livro conter um número considerável de textos, eles são pouco explorados, por exemplo, não há perguntas referentes ao conteúdo do texto que façam o aluno refletir sobre sua construção, tão pouco sobre a importância dos substantivos nesta construção. Na última parte do capítulo, encontramos exercícios de vestibular com questões de algumas universidades: nessas questões o objetivo do autor nos parece ser puramente retomar os conceitos gramaticais, mais uma vez os aspectos funcionais e a interpretação de texto são pouco destacados nos exercícios. Apesar dos critérios morfológicos e semânticos serem bem explorados nos conceitos e nos exercícios, Nicola não dá ênfase à parte sintática em seu conceito e nem nos exercícios.

**Livro B: Língua portuguesa 2, 2010. Projeto Eco – Roberta Hernandez; Vilma Lia Martin.**

“Substantivos: nomeiam diferentes entidades (coisas, pessoas, fatos, emoções, etc.)” (HERNANDES; MARTIN, 2010, p. 120)

Neste livro didático as autoras iniciam o assunto sobre classes de palavras no capítulo 7, unidade 2 da página 119. O capítulo inicia-se com o título: classes de palavras e construção do sentido nos textos, apresentando apenas a imagem de um texto inserido numa placa com o seguinte anúncio: “compre um imóvel e ganhe uma mulher feliz”. A palavra feliz está em

tamanho menor, fazendo o leitor ter outra interpretação na leitura. Após a apresentação do texto, há duas perguntas de interpretação, a primeira é sobre o objetivo do anúncio comercial e a segunda requerendo do aluno que identifique o recurso gráfico usado no texto publicitário para criar um sentido humorístico. Nestas perguntas, apenas a interpretação do texto é contemplada, a contra parte gramatical não é mencionada neste exercício. Após a interpretação do texto, as autoras apresentam uma pequena explicação sobre o sentido que as palavras exercem no texto e, a partir daí, expõem os conceitos das dez classes de palavras de forma conjunta. Em nenhuma parte do capítulo há explicações detalhadas sobre as classes de palavras separadamente, os substantivos recebem apenas o conceito semântico de uma maneira muito superficial, os critérios morfológicos e sintáticos não são abordados no conceito dos substantivos. Apesar disso, as primeiras atividades propostas sugerem avaliações morfológicas, mesmo que o aluno não tenha a base conceitual oferecida no livro didático analisado. As autoras usam o cabeçalho da primeira atividade para conceituar o substantivo quanto à significação, em nenhum momento da atividade, fala-se da classificação do substantivo quanto à sua forma para complementar a interpretação semântica. Outro exercício que nos chama a atenção neste livro didático diz respeito à interpretação de um pequeno texto de autoria de Sandra Peres e Luis Tatit:

## GRAMÁTICA

O substantivo

O Adjetivo

É o substituto

É a nossa impressão

Do conteúdo

Sobre quase tudo [...]

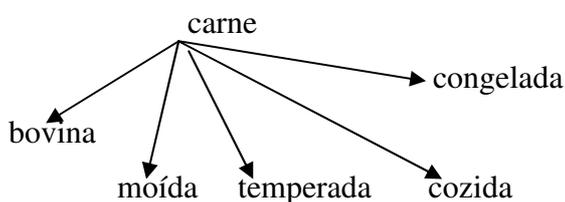
Segue uma das questões referentes ao substantivo:

b) Explique de que modo o texto “define” substantivo. Resposta sugerida pelo livro didático: O texto diz que “o substantivo é o substituto do conteúdo”, apontando justamente a sua função de nomeação ou designação dos seres (conteúdos, “coisas em si”). Para uma análise poética, o texto seria bem escolhido, porém para designar os substantivos como sendo substituto do conteúdo é, a meu ver, uma colocação incoerente e incompleta porque a significação da palavra conteúdo é mais ampla do que sendo coisa em si, Sabemos que para um bom entendimento de uma classe gramatical, é necessário que os três critérios - semânticos, morfológicos e sintáticos – sejam trabalhados na classe dos substantivos para que haja um melhor entendimento.

**Livro C: Ser Protagonista, 2010. Ricardo Gonçalves Barreto.**

“Substantivos são palavras variáveis em gênero e número que compõem o núcleo dos sintagmas de que participam e nomeiam ou designam seres, objetos, ações, qualidades, sentimentos, lugares, instituições e conceitos em geral.” (BARRETO, 2010. P. 205)

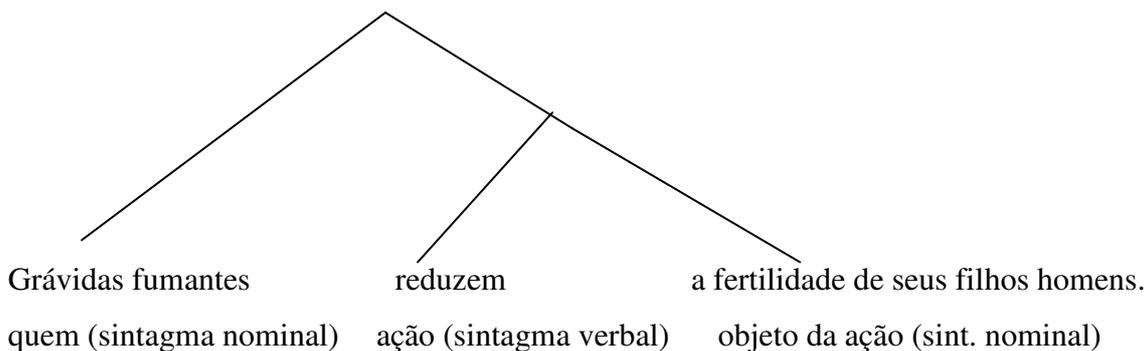
No capítulo 23 da página 204, o autor Ricardo Barreto aborda o conceito de substantivo. Todas as explicações referentes aos substantivos são claramente abordadas nos três critérios: semântico, morfológico e sintático. Barreto esclarece que o critério semântico é levado em conta na descrição das palavras lexicais, ou seja, elas fazem referência a elementos da realidade extralinguística que podem ser reconhecidas pelo falante. Do ponto de vista morfológico, explica que o substantivo, em geral, é uma palavra variável que admite flexões de gênero (passageiro/passageira) e de número (passageiro/passageiros). O livro analisado também ressalta que há substantivos que apresentam apenas um gênero. Como exemplos aparecem as palavras táxi, carro, rua e direção. Outro traço morfológico destacado no livro são os sufixos, o autor dá como exemplo os sufixos -ez, -ância, -ície, -ura, -ção, etc. apresentados nas palavras: maciez, tolerância, calvície, assadura e punição. Nas explicações há também os sufixos indicadores de grau: -inho (-zinho), e -ão (-zão) que podem ser associados aos substantivos criando formas diminutivas e aumentativas. No aspecto sintático, o autor explica que o substantivo ocupa sempre o núcleo do sintagma nominal, se relaciona com outras palavras que desempenham junto a ele a função de determinantes e modificadores. Segue o exemplo utilizado no livro didático analisado:



No exemplo acima, Barreto explica que carne é o núcleo do sintagma nominal e as demais palavras (bovina, moída, temperada, cozida, congelada) atuam como modificadores, especificando suas características. O autor salienta também que, antes do substantivo carne, outras palavras poderiam ser relacionadas a esse como: esta, nossa, a, uma, etc. assim, exerceriam a função de determinantes e se relacionariam com o substantivo por razões semânticas e construiriam com este uma cadeia sintática. Seguindo os critérios apontados pelo

autor em seu livro, Barreto chama atenção para a importância da classificação no interior das classes de palavras porque cada palavra aponta a classe à qual pertence através de traços específicos de cada categoria, por isso é reforçada a importância de observarmos os critérios semânticos, morfológicos e sintáticos para identificarmos possíveis classificações. De modo geral, o livro didático de Barreto aborda de maneira clara os três critérios para análise dos substantivos e também reforça a importância desses critérios para que seja possível realizarmos novas classificações, no entanto, na prática de linguagem apresentada pelo autor, esses critérios não são contemplados. Em nenhum exercício percebemos o critério sintático presente nos exercícios propostos. No primeiro exercício (p.208), temos um pequeno trecho da obra poética de Fernando Pessoa, em seguida há quatro perguntas de interpretação textual, sendo que duas dizem respeito à parte gramatical estudada no capítulo. As perguntas gramaticais são voltadas para o critério semântico. Segue uma das perguntas: “escreva um período que expresse o que sente alguém que vive a saudade sem empregar o substantivo que nomeia esse sentimento.” Os próximos exercícios continuam na mesma linha de interpretação gramatical semântica, alternada com interpretações do texto propriamente dito. O livro não apresenta textos longos, apenas um com o título de “Biruta” (p. 210) retoma o critério semântico com o título de “valores semânticos do grau”, ou seja, é analisado o sentido que a construção morfológica apresenta no texto, aí se constata o primeiro exercício voltado para o critério morfológico: 2. Ao chegar ao quintal, Alonso diz a Biruta que eles terão uma “conversinha”. O que o grau diminutivo na palavra *conversa* denota nesse contexto?(p. 210). Seguem os próximos exercícios sempre retomando interpretação de texto/interpretação morfológica. Na página 212, Barreto inicia a explicação do uso do hífen com substantivos compostos e os exercícios propostos apenas retomam as regras para o uso correto do hífen, sem outras atividades relacionadas aos substantivos e suas respectivas características. Para nossa surpresa, encontramos no capítulo 22, anterior à explicação do substantivo, um exercício referente ao critério sintático, dos três livros analisados apenas este apresentou um exercício referente a esse critério. No capítulo o autor comenta sobre a tradição gramatical e relata que a classificação das palavras vem de longa data, ou seja, Barreto contempla um capítulo separado para dar início à análise das classes de palavras. Retoma a importância dos três critérios e como a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) segue a classificação das palavras. Segue a atividade proposta pelo autor:

3. Leia o título de uma notícia de jornal, organizado em três sintagmas.



O estado de S. Paulo, 17 nov. 2007

a) Qual é o núcleo – palavra central de significação – do sintagma que expressa quem realiza a ação? A que classe pertence essa palavra?

b) Que palavra modifica o núcleo desse sintagma? A que classe pertence?

c) As palavras *grávida* e *fumante* poderiam pertencer a classes diferentes das identificadas no título da notícia. Explique.

d) *Reduzem* é verbo e núcleo do sintagma verbal identificado. Seria possível reconhecer essa palavra como verbo se ela estivesse isolada do contexto da frase? Explique.

A atividade é bastante interessante para que o aluno consiga observar a importância do critério sintático, tão pouco explorado nos livros didáticos. Os demais exercícios propostos seguem o padrão do capítulo 23 já analisado anteriormente.

#### 4 Síntese

De modo geral, os livros didáticos A e C apresentaram boas explicações nos conceitos trabalhados. Infelizmente, essas explicações não foram contempladas de maneira integral nos

exercícios propostos, ou seja, os critérios semânticos, morfológicos e sintáticos não foram desenvolvidos simultaneamente pelos autores em seus livros didáticos. Com exceção do livro C que apresentou um único exercício contemplando o critério sintático, os outros não deram conta de fazer com que o aluno pusesse em prática os três critérios estudados, apenas realizaram os exercícios que colocaram em evidência o significado e a forma das palavras, deixando de analisar a relação que essas palavras têm com outras dentro do enunciado. Contudo chegamos a um aspecto bastante positivo em relação aos livros analisados. Percebemos que os livros A e C se destacaram em relação ao livro D, aqueles apresentaram maior teoria e esclarecimentos para o aluno, mesmo não oferecendo uma quantidade satisfatória de exercícios, o aluno consegue compreender a importância da divisão das classes de palavras nos três níveis de descrição linguística. Este, por sua vez apresentou explicações e exercícios muito superficiais em relação ao assunto da classe de palavras, não aprofundando os conhecimentos linguísticos, para que o aluno identifique os critérios de classificação. O destaque dos livros talvez se dê porque os autores dos livros A e C buscaram um embasamento teórico voltado para os gramáticos, apresentando, assim, uma comparação mais ampla nos estudos para a confecção dos livros didáticos. Em suas bibliografias lemos importantes autores como Bechara (2007), Cunha e Cintra (1985) e Perini (2006). No livro D encontramos apenas a pesquisa da gramática de língua portuguesa de Cunha e Cintra. Diante do questionamento de como os autores dos livros didáticos abordam os critérios de classificação das palavras, fazemos a seguinte pergunta: como esses critérios podem ser mais bem trabalhados com os alunos? Há uma maneira de “facilitarmos” esse entendimento? Acreditamos que proporcionar facilidade ou “macetes” ao aluno não é a forma mais adequada para trabalharmos os critérios das classes de palavras. Nós professores precisamos esclarecer ao aluno a importância de sabermos classificar uma palavra nos critérios semântico, morfológico e sintático e esse esclarecimento o aluno só vai perceber através de exercícios que faça com que ele perceba essa mudança. Trabalhar com textos interessantes e retirar desse texto frases que permitam que o aluno observe os núcleos dos sintagmas nominal e verbal, qual a relação que esses núcleos estabelecem com os outros elementos da frase, e mostrar ao aluno o que possibilita diferenciarmos uma palavra da outra através de determinados elementos, é uma alternativa de auxiliarmos nossos alunos a enxergar de uma maneira mais clara a importância do sentido que esses elementos estabelecem na frase.

## CONCLUSÃO

O artigo tem por base a seguinte questão: como os livros didáticos trabalham os critérios de classificação das palavras? Percebemos que os critérios utilizados pelos autores dos livros didáticos analisados são os semânticos e morfológicos. Obviamente não há uma inadequação em trabalhar apenas esses dois critérios, mas através dos dados coletados por nós e pelas pesquisas teóricas, concluímos que além de trabalharmos os critérios semânticos e morfológicos, é necessário que haja uma simultaneidade também com o nível sintático. É de extrema importância que o aluno possa reconhecer na sentença os diferentes níveis de classificação de uma palavra porque uma mesma palavra pode exercer diferentes posições em contextos diferentes.

Ainda há muitas discussões em torno das classes de palavras. Muitos estudiosos nos lançam a questão: classificar como? E para quê? Pois a questão em si não é muito precisa, e qual aspecto usar? Vale ressaltar que essas questões são importantes para futuras pesquisas e para que possamos nos aprofundar nos estudos. Obviamente não excluímos a importância da maneira como os autores trabalham os critérios em seus livros, mas acreditamos que esse artigo contribuiu para reforçar a importância da simultaneidade das três propriedades na classificação das palavras.

## **REFERÊNCIAS**

BARRETO, Ricardo Gonçalves. **Ser Protagonista**. São Paulo: SM, 2010.

BASILIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português Contemporâneo**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

HERNANDES, Roberta; MARTIN, Wilma Lia. **Língua portuguesa 2**. Curitiba: Positivo, 2010.

NICOLA, José de. **Português Ensino Médio volume 2**. São Paulo: Scipione, 2008.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à Morfologia**. São Paulo: Contexto, 2013.